



Universidades Lusíada

Pedrozo Mangia de Souza, Poliana
Alves, Priscila Pires

Dialogando sobre o autismo e seus reflexos na família : contribuições da perspectiva dialógica

<http://hdl.handle.net/11067/1337>

<https://doi.org/10.34628/3j21-n438>

Metadados

| | |
|---------------------------|---|
| Data de Publicação | 2014 |
| Resumo | Os transtornos globais do desenvolvimento têm sido definidos como uma síndrome que envolve o comprometimento em três áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos e atividades estereotipadas. A pesquisa estuda o processo de interação entre os familiares e o indivíduo autista a partir de uma perspectiva dialógica, na qual um relacionamento é sempre entendido como um encontro entre dois seres através de uma relação EU-I... |
| Tipo | article |
| Revisão de Pares | Não |
| Coleções | [ULL-IPCE] RPCA, v. 05, n. 1 (Janeiro-Junho 2014) |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T09:23:19Z com informação proveniente do Repositório

**DIALOGANDO SOBRE O AUTISMO E SEUS REFLEXOS
NA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA
DIALÓGICA**

**DIALOGUING ABOUT AUTISM AND ITS REFLECTIONS
IN FAMILY: CONTRIBUTIONS FROM DIALOGICAL
PERSPECTIVES**

Poliana Pedrozo Mangia de Souza e Priscila Pires Alves
Universidade Federal Fluminense – Volta Redonda, Rio de Janeiro

Contacto para correspondência:
Rua Desembargador Ellis Hermydio Figueira, 783,
Aterrado, Volta Redonda, RJ; CEP 27213-415.
Tel: (24) 3076-8733.
E-mail: priscilaalvves@vm.uff.br

Resumo: Os transtornos globais do desenvolvimento têm sido definidos como uma síndrome que envolve o comprometimento em três áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos e atividades estereotipadas. A pesquisa estuda o processo de interação entre os familiares e o indivíduo autista a partir de uma perspectiva dialógica, na qual um relacionamento é sempre entendido como um encontro entre dois seres através de uma relação EU-ISSO, fundamentalmente caracterizada por uma natureza objetiva, ou uma relação EU-TU, que envolve a inclusão da realidade do outro na existência do EU, alcançando aspectos peculiares da vivência da criança autista e ampliando a capacidade de sua família de estabelecer uma relação cuja funcionalidade produza qualidade de vida para todos os seus membros. Esse paradigma revela que nossa existência enquanto membro de uma família depende do reconhecimento da existência de

cada integrante, realizando a inclusão dialógica do EU no OUTRO e do OUTRO no EU.

Palavras-chave: autismo; família; dialogia.

Abstract: The pervasive developmental disorders have been defined as a syndrome that involves the commitment in three areas of development: reciprocal social interaction skills, communication skills and presence of stereotyped behaviors and activities. This research studies the process of interaction between the family and the autistic individual from a dialogical perspective, in which a relationship is always understood as a meeting between two beings by way I-IT fundamentally characterized by an objective nature, or a way I-OTHER which involves the inclusion of another reality of the existence of the I, reaching peculiar aspects of the experience of the autistic child and increases the ability of your family to establish a relationship whose functionality produces quality of life for all its members. This paradigm reveals that our existence as a member of a family depends on the recognition of each member, realizing the true dialogical inclusion in the I-OTHER and OTHER In I.

Key-words: autism; family; dialogy.

Introdução

O autismo consiste em uma perturbação no neurodesenvolvimento que compromete as competências de comunicação e sociais do indivíduo. Diferentemente do que se julgava antigamente, sua ocorrência tem sido registrada nos últimos anos com muita frequência. No Brasil, estima-se que os transtornos do espectro do autismo tenham sua incidência em duas milhões de pessoas.

Esses dados denotam uma importante mudança no que tange aos dispositivos de diagnóstico, avaliação e intervenção existentes. As implicações práticas que esses recursos produzem para o desenvolvimento de procedimentos e cuidados clínicos aos portadores destes transtornos afetam diretamente sua dinâmica relacional, especificamente no que concerne à família.

Os estudos sobre o impacto do autismo na família tem revelado que o estresse e as incertezas quanto as habilidades para o cuidado com a criança autista, tem se apresentado como importantes índices para o desenvolvimento de recursos e suporte no trabalho com a dinâmica familiar. Se por um lado a família possui um conjunto de papéis e responsabilidades sociais que lhe são delegadas pela sociedade, por outro, a compreensão dos fatores subjetivos singulares das dinâmicas estabelecidas na relação com seu membro com diagnóstico de autismo, são fundamentais para o estabelecimento de uma dinâmica familiar funcional.

A perspectiva dialógica constitui-se no voltar-se para o sentido do humano, que se estabelece, essencialmente, na relação com o outro, com o mundo. Consiste numa elaboração que possibilite a produção do sentido dos valores concernentes ao humano conduzindo ao estabelecimento de encontros autênticos que relevem o encontro EU-TU ao pressupor a inclusão da realidade do OUTRO na existência do EU.

O presente trabalho visa apresentar, a partir da perspectiva dialógica, algumas possibilidades da família desenvolver estratégias de *coping* que favoreçam o desenvolvimento da criança autista considerando suas potencialidades e limitações.

Inicialmente apresenta-se o conceito de desenvolvimento humano a partir da perspectiva dialógica, em seguida, tematiza-se o impacto do diagnóstico do autismo na família para se apresentar nas considerações finais as possibilidades de contribuição desta perspectiva para favorecer o estabelecimento de relações familiares dinâmicas funcionais.

Desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva dialógica

Para a perspectiva dialógica, é a partir da relação que nos constituímos enquanto sujeitos no mundo. O homem é compreendido como resultado de um conjunto de relações sociais. Desse modo, o homem não pode mais ser estudado como ser isolado, sob a perspectiva de uma postura individualizante que não olha para além de uma constituição física, como no caso de crianças com deficiência. A tônica desta perspectiva não se volta para as capacidades ou incapacidades da criança em termos de seu desenvolvimento, mas no modo como ela, naquele ambiente, pode se desenvolver e oferecer a oportunidade inequívoca de que as pessoas do seu entorno também se desenvolvam e se transformem. De acordo com Aguiar (2005), o biológico e o social não são vistos de forma isolada, e sim em constante interação. Após o nascimento, o desenvolvimento ocorre a partir da relação, pois o bebê necessita dos cuidados da mãe, e não se diferencia desta ou do ambiente. O bebê passa, então, por um processo de introjeção a partir do qual receberá a base para diferencial o “eu” do “não eu”, ocorrendo, portanto, a construção de suas fronteiras de contato com o mundo. As funções de contato correspondem aos nossos cinco sentidos, juntamente com a linguagem e os movimentos corporais que nos permitem experimentar o mundo.

A forma como as relações de contato serão vivenciadas mudam em cada indivíduo e, conseqüentemente, a maneira como este irá experienciá-la, fazendo com que os indivíduos possam se desenvolver de formas distintas uns dos outros.

A partir desta abordagem, podemos considerar que a criança autista pode ter experienciado alguma relação de forma não satisfatória, o que conduziu a uma limitação em suas fronteiras de contato, fazendo com que a capacidade da criança de se relacionar fique comprometida.

Na perspectiva dialógica, importa considerar o desenvolvimento como

um processo, como propõe Amescua (1997) ao considerar que neste contexto, é fundamental compreender a forma como a experiência de interação da criança autista ocorre. Sendo o autismo um enrijecimento dos limites das fronteiras de contato, que bloqueia a comunicação do organismo com seu ambiente, levando a criança a isolar-se, como conseqüência, seu crescimento e desenvolvimento estarão funcionalmente afetados.

A interação é uma função crucial para o desenvolvimento do potencial do ser humano. Se este processo é interrompido por bloqueios da fronteira de contato ao longo do processo de desenvolvimento, o potencial para tornar-se pode ficar estagnado em uma variedade de formas. Quando as crianças param de interagir, a construção de sua condição humana fica atravessada pelos relacionamentos objetivos, pragmáticos, próprios da função EU-ISSO.

Compreendendo a pessoa humana como ser de relação, Buber (1979), a caracteriza segundo as palavras-princípio que ela pronuncia - EU_TU ou EU-ISSO, modos de existência que refletem dois pólos da mesma humanidade e a sua *dupla atitude* face ao mundo, compreendida como posição fundamental de se colocar a qualquer dos existentes. A relação Eu-Tu, reflete a atitude do encontro com o outro, expressão do significado mais profundo da existência humana, que se revela no engajamento, na solidariedade com o mundo; reflete o comprometimento incondicional com o outro, enquanto o relacionamento Eu-ISSO expressa o distanciamento, a objetividade; reflete a atividade do saber, do experimentar, do utilizar.

Nesse sentido o conceito de dialogia torna-se fundamental pois aponta para a possibilidade de se pensar estratégias de intervenção e de compreensão do desenvolvimento da criança autista a partir da concepção dinâmica do ser humano como agente, isto é, ele não apenas é influenciado pelo meio, como também age ativamente sobre o mesmo, transformando-o.

Estabelecer contato com a criança autista consiste em um desafio permanente que demanda uma atitude empática e sobretudo que favoreça o engajamento de um encontro tal como ele pode se estabelecer, sem que a expectativa do diálogo, tal como convencionalmente se espera, seja estabelecida.

Os transtornos do espectro do autismo e seus reflexos na família

O nascimento de um filho produz sempre expectativas com relação ao seu futuro e ao seu processo de crescimento. Como nos revela Buscaglia (1993), a deficiência não é da ordem do desejo dos pais. Na grande maioria das vezes, a notícia de um diagnóstico que comprometa o desenvolvimento da criança promove a desconstrução do ideal alimentado pela família gerando sofrimento, desconforto, confusão e também gastos financeiros.

No caso dos transtornos do espectro do autismo, pelo fato do diagnóstico acontecer a partir dos 18 meses, o processo de luto vivenciado pela família promove alterações significativas na dinâmica familiar. Glat e Duque (2003)

apontam para um importante fenômeno que consiste na perda da identidade dos membros da família e a necessidade de se reconfigurar uma interação na qual a pessoa deficiente fica no centro. Os pais se tornam pais do autista, os irmãos do autista e com isso, todos em seus espaços singulares necessitam reorganizar-se a partir desta configuração.

É importante considerar que a despeito do diagnóstico existe, por parte dos familiares, sempre uma busca para a cura. Da notícia à aceitação da realidade, percorre-se muitos caminhos para superar o luto do filho saudável. Ainda que cada integrante do sistema familiar vivencie a presença do autista de uma forma diferente, frequentemente a sobrecarga emocional recai sobre as mães. Conforme indica Serra (2010), algumas, inclusive paralisam sua vida profissional para viver em função do filho autista.

De fato a aproximação de uma criança com o diagnóstico de autismo, torna complexa a relação, tendo em vista que na medida em que as fronteiras de contato são diminuídas, surge o silêncio, a frustração e a incerteza sobre o vir-a-ser. O enrijecimento da criança pode refletir-se no endurecimento das relações entre a família, levando a uma coisificação no cuidado.

Nesse contexto, ao transpormos os conceitos da perspectiva dialógica podemos considerar que a relação EU-ISSO, pode ser emulada pela relação entre família e seu membro familiar que possui uma doença, para quem se deve socialmente destinar a atenção e cuidado. Já o componente EU-TU, envolve o relacionamento de um membro da família com outro membro da família. Um membro que procura então, entender o ser e o seu contexto e sentido de vida. A relação não é mais coisificada num papel social apenas.

Afirmar como especificidade humana a relação EU-TU, não significa negar a importância do relacionamento EU-ISSO, cujo significado no campo do conhecimento objetivo, no trato com o mundo, é inegável. É uma atitude sem a qual o homem não pode viver, mas que se torna nociva quando se converte na forma preponderante de expressão humana, e engloba a totalidade da verdade, impossibilitando o emergir de respostas nos níveis mais profundos que só podem surgir dos encontros EU-TU.

Para uma criança autista o ambiente exterior é invasivo. Em função da manifestação sindrômica do transtorno do espectro autista, sua capacidade para introjetar o mundo exterior pode variar, mas é fato que o modo com que esse processo se estabelecerá acontecerá sempre de forma lenta. A criança autista, por não confiar no ambiente externo, revela dificuldades em estabelecer uma relação e uma clara diferenciação entre o EU e o TU, entre os objetos internos dos externos,

O objetivo da perspectiva dialógica no trabalho com as famílias de crianças autistas consiste em favorecer o desenvolvimento de estratégias de *coping* de forma que se privilegie para além da instrumentalidade EU-ISSO, a relação EU-TU. A abertura para o favorecimento do encontro dialógico está relacionada à possibilidade do reconhecimento da abertura e espontaneidade com que cada

membro pode se voltar para o indivíduo autista.

A relação EU-TU alcança aspectos peculiares da vivência da criança autista e amplia a capacidade de sua família de estabelecer uma relação cuja funcionalidade produza qualidade de vida para todos os seus membros. Esse paradigma de relação proposto pela perspectiva dialógica nos revela uma constatação inexorável: nossa existência enquanto membro de uma família depende do reconhecimento da existência de cada integrante dessa constelação, realizando a verdadeira inclusão dialógica, tal como nos aponta Buber (1982), do EU no OUTRO e do OUTRO no EU.

Considerações Finais

Compreendendo a pessoa humana como ser de relação, Buber (2001), a caracteriza segundo as palavras-princípios que ela pronuncia: EU-TU ou EU-ISSO, modos de existência que refletem dois pólos da mesma humanidade e a sua dupla atitude face ao mundo, compreendida como posição fundamental de se colocar a qualquer dos existentes. A relação EU-TU, reflete a atitude do encontro com o outro, expressão do significado mais profundo da existência humana, que se revela no engajamento, na solidariedade com o mundo; reflete o comprometimento incondicional com o outro. Já o relacionamento EU-ISSO expressa o distanciamento, a objetividade; reflete a atividade do saber, do experimentar, do utilizar. Ambas atitudes constituem a existência do ser e delineiam o modo como se operacionaliza a construção de sua condição humana.

A relação EU-TU não deve ser associada a uma experiência que requeira uma intuição especial, circunscrita a seres especiais, ela é uma possibilidade que se coloca a toda humanidade, possibilitando um encontro real, que se situa na própria vida cotidiana. Demanda uma abertura para um encontro autêntico entre dois seres inteiros com suas possibilidades e limitações.

Na perspectiva dialógica, a condição humana se estabelece a partir da relação. O humano é compreendido a partir de uma antropologia do inter-humano. Valoriza-se o entre, o espaço onde se realiza o diálogo, o encontro entre EU e TU. Não se trata de relacionamento dos homens entre si, mas de um comportamento que se estabelece a partir da reciprocidade. Estabelecer a reciprocidade coloca ao homem um grande desafio: o de se incluir. É a partir dessa premissa que pensamos a inclusão, em meio ao desafio de relacionar-se com o autista. Propomos que a inclusão possa ser pensada a partir de uma abertura para o encontro com a pessoa autista, viabilizando no espaço do entre, uma relação e, conseqüentemente, o estabelecimento do diálogo que na esfera do TU, não demanda do outro nada além do que ele (o outro) pode no momento revelar em seu contexto.

A família da criança autista, ao deparar-se com o diagnóstico, configura em sua dinâmica, uma demanda de favorecer o desenvolvimento psicossocial de seu

ente, muitas vezes criando expectativas de que ele se inclua ao habilitar-se com o desenvolvimento da fala e melhoria de suas habilidades sociais. No entanto, não se perspectiva nesse processo, uma dinâmica de se alcançar a criança a partir de suas possibilidades de contato e diálogo, mas sim espera-se que ela atinja o que se estabeleceu normativamente como o desenvolvimento “normal”.

A perspectiva dialógica amplia o olhar dessa questão, convidando-nos a refletir sobre a possibilidade de pensar o sentido de uma relação e a abertura ao diálogo a partir do entre. Assim, compreender o humano como ser de relação significa, por sua vez, a impossibilidade de tomá-lo isoladamente, mas apenas na sua relação com o mundo: sua família, seu trabalho, suas responsabilidades e obrigações, experiências que nos permitem caracterizar o humano como ser essencialmente vinculado à sua comunidade.

O reconhecimento de que o homem não pode ser compreendido fora da sua relação com o mundo, indica o desafio contínuo de estender a comunidade aos mecanismos da vida. Trata-se de uma resposta prática (dimensão ética) a tais exigências. Assim, ao favorecer a criança autista que possa se revelar com suas possibilidades e limitações, que nos incluamos na abertura para a compreensão de seu TU a partir de nosso EU, amplia as oportunidades do engajamento e desenvolvimento das relações que daí derivam no contexto de sua existência relacional.

Dessa forma, mais do que pensar em uma experiência apartada das esferas sociais, Buber (1991), se propõe a pensar na possibilidade de uma maior penetração dessas relações nessas esferas orientando assim a um agir voltado fundamentalmente calcado na dialogia, minimizando assim as tendências totalizadoras de apreender o OUTRO sobredeterminando-o a partir do ISSO.

O respaldo da inclusão dialógica está no fazer-se presente e constituir uma posição ética-política a partir da valorização do que se dá no entre do EU-TU. Com isso podemos pensar uma *práxis* que conceda o devido valor ao OUTRO a partir do que nele se revela.

Referências Bibliográficas:

- American Psychiatric Association (2002) - DSM-IV-TR: *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. 4ª edição. Lisboa: Climepsi
- Aguiar, Luciana.(2005). *Gestalt-Terapia com crianças: teoria e prática*. Editora Livro Pleno, S.P., 2005.
- Amescua, Guadalupe. (1999). Autismo na teoria Gestalt – em direção a uma teoria Gestalt da personalidade. *Gestalt Review*, 3(3):226-238.
- Buber, Martin. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, .
- Buber, Martin. (1991). *Encontro – fragmentos autobiográficos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Buber, Martin. (2001). *Eu e Tu*. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

- Buscaglia, L. (1993). *Os deficientes e seus pais. Um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1993.
- Glat, R. e Duque, M. A.(2003). *Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- Serra, Dayse (2010) . Autismo, família e inclusão. *Polêmica*, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março.